

INSTITUTO HÓRUS DE DESENVOLVIMENTO E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

RESULTADO				Recomendação
	Pontuação: 20	Avaliação válida (>70% das perguntas respondidas), RISCO ALTO		Rejeita
		Análise de risco para plantas invasoras		<i>Caryota urens</i>
Seção	Grupo	Questão		Palmeira-de-leque
Histórico biogeográfico				
A	Cultivo / Domesticação	1.01	O táxon apresenta fortes indícios de domesticação?	não
		1.02	Há registros de que o táxon esteja se propagando espontaneamente nos locais onde está domesticado?	
		1.03	Táxons da espécie estão registrados como plantas daninhas ou pragas?	
	Clima	2.01	O táxon ocorre naturalmente ou há registro de que esteja estabelecido em alguma região de clima Equatorial?	sim
		2.02	O táxon ocorre naturalmente ou há registro de que esteja estabelecido em alguma região de clima Tropical (Zona Equatorial, Nordeste Oriental ou Brasil Central)?	sim
		2.03	O táxon ocorre naturalmente ou há registro de que esteja estabelecido em alguma região de clima Temperado ou Subtropical?	sim
	Registros de ocorrência e invasão	3.01	O táxon apresenta histórico de introduções repetidas fora da sua área de distribuição natural?	sim
		3.02	Há registro de que o táxon esteja estabelecido fora da sua área de ocorrência natural historicamente conhecida?	sim
		3.03	Há registro de impactos causados pelo táxon em jardins, benfeitorias ou áreas degradadas?	
3.04		Há registro de impactos causados pelo táxon em áreas com atividade agrícola, pecuária, silvicultural ou horticultural?		
3.05		Há registro de que a espécie seja invasora de ambientes naturais em algum lugar do mundo?	sim	
3.06		Outras espécies do mesmo gênero são consideradas invasoras em outras regiões ou estão estabelecidas no Brasil?	não	
Características indesejadas				
B	Atributos indesejados	4.01	O táxon apresenta espinhos, acúleos ou outra saliência capaz de causar ferimentos ou impedir a passagem de pessoas ou animais?	não
		4.02	Há evidências de que o táxon produza alterações químicas no solo? (tais como alelopatia, mudança de pH, fixação de nitrogênio, entre outros)	não
		4.03	É um táxon parasita?	não
		4.04	É um táxon impalatável para animais de pasto nativos ou introduzidos?	
		4.05	É um táxon tóxico para seres humanos ou para animais nativos ou domesticados economicamente importantes?	sim
		4.06	Há registro de que o táxon seja hospedeiro ou vetor de pragas ou patógenos conhecidos que afetem espécies nativas ou de valor?	sim
		4.07	O táxon causa alergias em seres humanos?	
	Hábito e potencial competição por recursos em ambientes naturais	5.01	Há evidências de que o táxon produz alterações físicas em interações ecológicas? (tais como aumento do risco de ocorrência de incêndios, altera processos erosivos naturais, afeta o sistema hidrológico do solo)	não
		5.02	É um táxon tolerante à sombra em alguma fase do ciclo de vida?	sim
		5.03	O táxon tolera solos arenosos, ácidos ou de baixa fertilidade?	sim
		5.04	O táxon é uma liana ou tem outra forma de crescimento capaz de suprimir outras plantas?	não
		5.05	O táxon forma touceiras densas? (principalmente lenhosas perenes)	
		5.06	O táxon é uma árvore, arbusto lenhoso perene, erva, grama ou geófito? (caso o táxon não pertença a nenhum destes grupos, o campo resposta deve permanecer em branco) responder: "árvore" ou "arbusto" ou "erva" ou "grama" ou "geófito" ou "não".	árvore
	Características biológicas e ecológicas			
C	Mecanismos reprodutivos	6.01	Há evidências da presença de fatores bióticos na área de distribuição natural da espécie que reduz sua capacidade reprodutiva?	não
		6.02	O táxon produz sementes viáveis?	sim
		6.03	Há evidências de que o táxon seja capaz de realizar hibridização interespecífica?	
		6.04	Há no país alguma espécie endêmica congênere?	não
		6.05	O táxon é capaz de realizar autopolinização ou apomixia?	não
		6.06	O táxon necessita de polinizadores especializados?	não
		6.07	O táxon se reproduz por fragmentos vegetativos diferentes dos apomíticos ou geófitos?	não
		6.08	Qual a duração do período juvenil? [a] até 1 ano; [b] 1-4 anos; [c] mais de 4 anos	
	Mecanismos de dispersão de propágulos	7.01	Produz propágulos com probabilidade de dispersão involuntária por pessoas, máquinas etc.?	não
		7.02	Produz propágulos dispersados intencionalmente ou cultivados por pessoas?	sim
		7.03	Produz propágulos com probabilidade de dispersão como contaminantes de produtos?	
		7.04	Produz propágulos adaptados para dispersão pelo vento (anemocoria)?	não
		7.05	Produz propágulos adaptados para dispersão por água (hidrocoria)?	não
		7.06	Produz propágulos dispersados por pássaros (ornitocoria) ou morcegos (quiroptercoria)?	sim
		7.07	Produz propágulos dispersados por animais (externamente)?	não
7.08	Produz propágulos dispersados por animais que se alimentam dos frutos e as sementes sobrevivem à passagem pelo sistema digestório?	sim		
8.01	O táxon é um produtor de sementes proífero?			

Atributos de persistência	8.02	Há evidências de que as sementes do táxon permanecem viáveis no solo por mais de 1 ano?	não
	8.03	É possível e fácil encontrar uma forma de controle eficaz com custos razoáveis?	
	8.04	Algum predador natural efetivo do táxon está presente no país?	

REFERÊNCIAS

1.01	Não foram encontradas referências específicas.
1.02	
1.03	
2.01	2.01a Instituto Hórus, 2013. Base de dados - Caryota urens: "Área de distribuição natural: Ásia (Índia, Malásia, Nepal, Sri Lanka e Myanmar). Outros locais onde a espécie é invasora: Outros locais onde a espécie é invasora: Estados Unidos (Flórida e Califórnia). Ocorrências: Distrito Federal, São Paulo e Pernambuco." 2.01b Mapa climático de Koeppen-Geiger, 2006. A espécie está estabelecida nos climas: Aw, Af, Cwa, Cfb.
2.02	2.02a Instituto Hórus, 2013. Base de dados - Caryota urens: "Área de distribuição natural: Ásia (Índia, Malásia, Nepal, Sri Lanka e Myanmar). Outros locais onde a espécie é invasora: Outros locais onde a espécie é invasora: Estados Unidos (Flórida e Califórnia). Ocorrências: Distrito Federal, São Paulo e Pernambuco." 2.02b Mapa climático de Koeppen-Geiger, 2006. A espécie está estabelecida nos climas: Aw, Af, Cwa, Cfb.
2.03	2.03a Instituto Hórus, 2013. Base de dados - Caryota urens: "Área de distribuição natural: Ásia (Índia, Malásia, Nepal, Sri Lanka e Myanmar). Outros locais onde a espécie é invasora: Outros locais onde a espécie é invasora: Estados Unidos (Flórida e Califórnia). Ocorrências: Distrito Federal, São Paulo e Pernambuco." 2.03b Mapa climático de Koeppen-Geiger, 2006. A espécie está estabelecida nos climas: Aw, Af, Cwa, Cfb.
3.01	3.01a Museu Nacional da UFRJ, 2013: "Espécie muito difundida em parques e jardins como planta isolada, grupos ou fileiras, de efeito ornamental notável durante a juventude." 3.01b Biodiversity Explorer, 2013: "It has been introduced to many countries in warm regions of the world, where it is grown mainly as an ornamental and street tree."
3.02	3.02a Instituto Hórus, 2013. Base de dados - Caryota urens: "Outros locais onde a espécie é invasora: Estados Unidos (Flórida e Califórnia)." 3.02b Global Compendium of Weeds, 2013: "Caryota urens - Status(es) (compiled for below "Data sources"): cultivation escape, environmental weed, naturalised."
3.03	Não foram encontradas referências específicas.
3.04	Não foram encontradas referências específicas.
3.05	3.05a CBRN/DPB/CPA, 2009: "Espécies invasoras: Caryota urens L. - Ambiente: Floresta Estacional Semidecidual " 3.05b Invasão de Caryota urens em área de Floresta Pluvial Tropical Atlântica. Siqueira, 2006: "As palmeiras estão representadas em 8 espécies: <i>Dypsis lutescens</i> Wendl., <i>Caryota urens</i> L., <i>Livistona chinensis</i> R.Brown, <i>Arecastum romanzoffianum</i> (Cham.) Becc., <i>Acrocomia intumescens</i> Drude, <i>Archontophoenix cunninghamiana</i> Wend. & Drude, <i>Euterpe edulis</i> e <i>Attalea</i> sp."
3.06	Não foram encontradas espécies do mesmo gênero invasoras no Brasil.
4.01	A espécie não tem essas características.
4.02	A espécie não tem essas características.
4.03	A espécie não tem essas características.
4.04	A espécie não tem essas características.
4.05	4.05a Floridata 2013: "Avoid contact with the red fruit produced by this palm. It contains oxalic acid which is toxic when ingested, and contact with skin may result in severe chemical burns." 4.05b Silva, 2009: "Caryota urens: Seu porte pode chegar até vinte e cinco metros com florescimento variando de acordo com a idade e de coloração creme. A parte tóxica (ráfides de oxalato de cálcio, outras proteínas irritantes) encontra-se nas raízes e frutos. Os frutos devem ser manipulados com luvas (WINTERS, 2000)."
4.06	4.06a Warwick, 2005: "Hospedeiros de Murcha-de-fitomonas: Piaçava (<i>Attalea funifera</i>), palmeira-rabo-de-peixeanã (<i>Caryota mites</i>), palmeira-rabo-de-peixe-alta, (<i>Caryota urens</i>), dendê (<i>Elaeis guineensis</i>), palmeira real (<i>Roystonea oleracea</i>) Uma espécie aceita como possível reservatório para o patógeno é a palmeira inajá - <i>Attalea maripa</i> ."
4.07	Não foram encontradas referências específicas.
5.01	A espécie não tem essas características.
5.02	5.02a World Agroforestry Center, 2013: "C. urens is a slow-growing, shade-tolerant or shade-demanding species." 5.02b Dave's Garden, 2013: "Sun Exposure: Light Shade; Partial to Full Shade; Full Shade."
5.03	5.03a Dave's Garden, 2013: "Soil pH requirements: 6.1 to 6.5 (mildly acidic); 6.6 to 7.5 (neutral); 7.6 to 7.8 (mildly alkaline)."
5.04	A espécie não tem essas características.
5.05	Não foram encontradas referências específicas.
5.06	5.06a Instituto Hórus, 2013. Base de dados - Caryota urens: "Forma biológica: Árvore." 5.06b World Agroforestry Center, 2013: "Caryota urens is an unarmed, hapaxanthic, solitary or clustered, medium-sized palm up to 20 m tall"

6.01	Não foram encontradas referências específicas.
6.02	6.02a World Agroforestry Center, 2013: "Each fruit has 2 large hemispherical seeds with ruminant endosperm." 6.02b Trade Winds Fruits, 2013: "Propagation: By seed, which can take a few months to germinate."
6.03	Não foram encontradas referências específicas.
6.04	Não foram encontradas espécies nativas congêneres.
6.05	A espécie não tem essas características. 6.05a Mangrove Guidebook for Southeast Asia, s/n: "Pollination is by insects."
6.06	6.06a Mangrove Guidebook for Southeast Asia, s/n: "Pollination is by insects."
6.07	A espécie não tem essas características.
6.08	Não foram encontradas referências específicas.
7.01	A espécie não tem essas características.
7.02	7.02a Museu Nacional da UFRJ, 2013: "Espécie muito difundida em parques e jardins como planta isolada, grupos ou fileiras, de efeito ornamental notável durante a juventude." 7.02b Biodiversity Explorer, 2013: "It has been introduced to many countries in warm regions of the world, where it is grown mainly as an ornamental and street tree."
7.03	Não foram encontradas referências específicas.
7.04	A espécie não tem essas características.
7.05	A espécie não tem essas características.
7.06	7.06a World Agroforestry Center, 2013: "In Sri Lanka, at maturity, fruits are eaten by the polecat (<i>Paradoxurus hermaphroditus hermaphroditus</i>), which disperses unharmed seeds far from the mother tree." 7.06b Royal Botanic Gardens, 2013: "Seeds are dispersed by animals such as fruit bats and palm civets."
7.07	A espécie não tem essas características.
7.08	7.06a World Agroforestry Center, 2013: "In Sri Lanka, at maturity, fruits are eaten by the polecat (<i>Paradoxurus hermaphroditus hermaphroditus</i>), which disperses unharmed seeds far from the mother tree." 7.06b Royal Botanic Gardens, 2013: "Seeds are dispersed by animals such as fruit bats and palm civets."
8.01	Não foram encontradas referências específicas.
8.02	8.02a World Agroforestry Center, 2013: "At room temperature the seeds remain viable for 30-90 days, depending on storage conditions."
8.03	Os métodos de controle são conhecidos, não requer controle químico, desde que o controle mecânico (corte do tronco) seja feito em sua base. 8.03a Instituto Hórus, 2013. Base de dados - <i>Caryota urens</i> : "Controle químico: Corte e aplicação de herbicida à base de Triclopir a 10%."
8.04	Não foram encontradas referências específicas.